

---

**RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA NA  
COMUNICAÇÃO: SANKOFA, UM PROVÉRBIO AFRICANO**  
Relations Between Orality and Writing in Communication: Sankofa, an  
African Proverb

Florence Marie Dravet<sup>1</sup>  
Alan Santos de Oliveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo problematiza a comunicação enquanto fenômeno de oralidade e escrita cuja relação circular constitui uma força dinâmica. Partimos de um símbolo dos povos *akan* (grupo étnico da Costa do Marfim e de Gana), denominado *sankofa*, que significa “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. Buscamos nele identificar a complexidade do símbolo, seu enraizamento numa cultura da oralidade e a gestualidade de ancestralidade africana, assim como a força do traço escrito, revendo vários conceitos sobre as formas de comunicação ditas “primitivas”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação; Oralidade; Escrita; Circularidade; Paremiologia.

**ABSTRACT:** This article discusses communication while an orality and writing phenomenon whose circular relationship constitutes a dynamic force. It begins with a symbol of the *akan* people (an ethnical group of Ghana and Ivory Coast), called *sankofa*, which means: “it’s never late to return and get what was left behind”. We try to identify the complexity of the symbol, it’s rooting in an oral and gestual culture of african ancestry, along with the strength of the written word, revisiting various concepts of forms of communication said to be “primitive”.

**KEYWORDS:** Communication; Orality; Writing; Circularity; Paremiology.

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências da Linguagem pela Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle. Atualmente atua como professora e coordenadora do curso de Mestrado em Comunicação da Universidade Católica de Brasília – UCB.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação na linha de pesquisa Imagem, Som e Escrita pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília – UnB.

É preciso, inicialmente, expor aqui o que entendemos por circularidade ao falarmos de comunicação e das relações contíguas entre oralidade e escrita. Morin (2007) entende a própria cultura a partir da noção de circulação de imagens, símbolos, ideologias, mitos, referentes tanto à vida prática quanto à vida imaginária. As culturas (religiosa, nacional, humanista e de massa), afirma ele, também circulam entre si. Em *O Método I – a natureza da natureza* (2003), Morin propõe um “método de articulação circular entre diferentes saberes”, no qual desenvolve uma sistematização acerca dos paradigmas da simplificação e da complexidade, bem como estabelece as premissas e os primeiros movimentos de seu “método de articulação circular contínua” entre os campos de saber. Defende a importância do obscuro e do incerto, buscando reorganizar o nosso sistema mental para “reaprender a aprender”. Sua metodologia busca rearticular os três impérios (Física, Biologia e Antropossociologia), cada um hermético em relação aos outros graças à fragmentação disciplinar, produzindo uma “circulação reflexiva” a partir de um anel epistemológico de duas entradas: Physis-Biologia e Antropossociologia. A noção de circulação implica, portanto, a própria noção de infinito e de incerteza: fascinante, apavorante. Principalmente quando se trata de circulação aberta,<sup>3</sup> como nos ensina a Biologia.

Olhar para a África negra pela noção de circularidade aberta e atentar para *Sankofa* é não somente um percurso em busca desses elementos fundamentais da linguagem (provérbios, escrita ideográfica, oralidade), mas um ato de relacionar o conhecimento da Comunicação com os saberes tradicionais africanos e ainda de estabelecer na contemporaneidade um paralelo entre noções científicas em construção e uma sabedoria ancestral enraizada que se mantém viva na humanidade. Tal sabedoria africana é um legado histórico do qual gostaríamos de nos aproximar com um olhar atento, livre de amarras e preconceitos, estabelecendo relações entre ele e o conhecimento científico vigente na atualidade. Trata-se de efetuar uma

---

<sup>3</sup> Em Biologia, chama-se “circulação aberta” ao sistema quando o líquido bombeado pelo coração periodicamente abandona os vasos e cai em lacunas corporais. Nessas cavidades, as trocas de substâncias entre o líquido e as células são lentas. Vagarosamente, o líquido retorna para o coração, que novamente o bombeia para os tecidos. Esse sistema é encontrado entre os artrópodes e na maioria dos moluscos. A lentidão de transporte de materiais é fator limitante ao tamanho dos animais. Além disso, por se tratar de um sistema aberto, a pressão não é grande, suficiente apenas para o sangue alcançar pequenas distâncias.

“mudança de horizonte”<sup>4</sup> e de ressuscitar imagens esquecidas. Trazer de volta ao nosso pensamento científico a incerteza da comunicação poética.

Abriendo novas propostas para a Comunicação, partimos para o desafio de tentar descrever essa sabedoria pela circularidade entre oralidade e escrita nos provérbios, em sua forma complexa. Os conhecimentos proverbiais, na sua forma anônima (contrastando com o que se pratica em um mundo que roga constantemente por autoria), estão presentes naquilo que podemos considerar como um cosmo de imagens e imaginários, mas também na forma inteligível de ensino-aprendizado, pela memória, da escrita e da oralidade. Constituem um tipo de inscrição e produção.

No prefácio do livro *Crítica da razão oral*, de Diagne (2005), Mvé-Ondo pergunta:

E se houvesse, no coração mesmo da oralidade, algo como uma escritura? - a escritura sendo aqui entendida em seu sentido duplo de inscrição e de produção. Quando digo escritura como inscrição, quero falar do trabalho ao mesmo tempo de fixação, de memória e de transmissão. E quando falo de produção, penso no dizer com notas musicais ou com palavras aquilo que ainda estava aguardando. (MVÉ-ONDO apud DIAGNE, 2005, p. 5, tradução nossa)<sup>5</sup>

Trataremos, portanto, dessa relação de não oposição e não separação implícita na ideia de circularidade entre oralidade e escrita, intermediada pelos provérbios, mas também de proximidade e continuidade, considerando até a possibilidade de uma estar contida na outra.

Esclarecemos desde já que não aspiramos, neste texto, diferenciar ou explicar as possíveis relações entre os termos “provérbios”, “sentenças”, “ditos”, “ditames”, “ditados”, “adágios”, “máximas”, entre outros. Para nós, esses termos estarão reunidos na organização do que aqui chamamos de paremiologia (do grego *paroimía* – provérbio, parábola – e do latim *paroemia*): ciência que estuda os provérbios e as formas fraseológicas.

---

<sup>4</sup> Em referência ao título do livro de Dietmar Kamper, *Mudança de horizonte – um sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...* Tradução de Danielle Naves. São Paulo, Paulus (prelo).

<sup>5</sup> *Et s'il y avait, au coeur même de l'oralité, quelque chose comme une écriture? – l'écriture étant à prendre ici dans son double sens d'inscription et de production. Quand je dis écriture comme inscription, je veux parler du travail ici tout à la fois de fixation, de mémoire et de transmission. Et quand je parle de production, je pense à la mise en musique ou en mots de ce qui était encore en attente.*

Segundo o teólogo Atanasio de Alexandria (apud IERACI BIO, 1984), “*paroemia (para tou oimous)* = ao longo das estradas”, tratava-se de um conhecimento encontrado ao longo das estradas e que instruía os viajantes. Algo que podemos entender, em um sentido metafórico, como um conhecimento que os homens encontram nas estradas da existência, de maneira inesperada, e que pode lhes dar o que pensar. Em todo caso, o universo do provérbio está relacionado ao do viajante e, portanto, à experiência e à aplicação prática.

No caso de *Sankofa*, trata-se tanto de um provérbio oral quanto de uma forma proverbial escrita, conforme a Figura 1:



Figura 01: *Sankofa*: “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro.” Provérbio Akan (NASCIMENTO L.; GÁ, 2009, p. 40-41).

O termo *Sankofa* se traduz no português, ao pé da letra, como “volte e pegue” (*san* – voltar, retornar; *ko* – ir; *fa* – olhar, buscar e pegar), mas pode ser elaborado como “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás”. Trata-se de uma palavra-provérbio acompanhada de um desenho-símbolo em formato circular, uma forma de oralidade escrita ou de escrita oralizada. *Sankofa* constitui um elemento do conjunto ideográfico *Adinkra*.

Concebendo *Adinkra* como forma de escrita, Mafundikwa explica:

O povo Akan de Gana e Costa do Marfim desenvolveu os símbolos *Adinkra* cerca de 400 anos atrás, e eles são provérbios, ditos históricos, objetos, animais, plantas, e meu sistema *Adinkra* favorito é o primeiro no alto à esquerda. É

chamado Sankofa, e significa "Volte e pegue". Aprenda com o passado. (MAFUNDIKWA, 2013, tradução nossa)<sup>6</sup>

Identificamos logo a circularidade contida no provérbio em ambos os níveis formais e de conteúdo. Para andar para frente, é necessário olhar para trás e pegar algo. O movimento sugerido não é em linha reta; é circular. É é nessa perspectiva circular que trataremos dos provérbios como paremiologia, o conhecimento existente em frases curtas: o muito contido no pouco; as possibilidades contidas na imagem.

#### INICIANDO O CONHECIMENTO PROVERBIAL: CIRCULARIDADE ABERTA

Os provérbios, utilizados historicamente em todas as sociedades, são expressões, ricas em contexto poético e enigmático. Podem ser bem compostos fraseologicamente, mas não trazem consigo uma assinatura. São criados e transmitidos através de gerações e nisso reside sua capacidade de aperfeiçoamento que os coloca numa condição de construção coletiva. Em algumas sociedades, podem ser reconhecidos como ditos, ditados, ditames, máximas, sentenças, entre outras designações. Os provérbios servem, de forma geral, para abrir ou encerrar histórias, educar, agradar alguém, decidir inúmeras situações, produzir imagens, criar um imaginário, entre outras aplicações.

Os provérbios, sem dúvida, são um dos gêneros textuais mais antigos do mundo. Para o antropólogo argentino Colombres (2000), autores como Plínio, Sêneca, Horácio, Virgílio e Lucrécio, entre outros filósofos e poetas, foram influenciados por provérbios populares e criaram outros já em forma de aforismos. Além disso, os provérbios são encontrados em diversas escritas religiosas antigas, como a Bíblia, o Alcorão e Bhagavad-gita, o que demonstra sua longevidade na história das civilizações.

Embora tenham sido classificados como populares, os provérbios trazem uma singularidade filosófica bem específica. No entanto, alguns escritores condenaram o seu uso, num rechaço vagamente corriqueiro. Sobre isso, Colombres nos diz que

---

<sup>6</sup> *The Akan of people of Ghana and [Cote d'Ivoire] developed Adinkra symbols some 400 years ago, and these are proverbs, historical sayings, objects, animals, plants, and my favorite Adinkra system is the first one at the top on the left. It's called Sankofa. It means, "Return and get it". Learn from the past.*

Claro que nem todos os letrados reconheceram o valor dos provérbios. A grande influência que este gênero possui entre os camponeses os fez desconfiar [deles]. Assim, fez-se a distinto entre os provérbios populares e os provérbios eruditos, para reafirmar estes últimos e depreciar os primeiros, situando-os no terreno da na literatura, e mesmo no da ignorância. Racine, em *Les Plaideurs*, coloca para falar por meio de provérbios os personagens apresentados como ridículos. Alfred de Musset os menospreza, por serem, em seu julo, locues banais a veicular em lugares comuns. Se algum sentido provar deles, argumenta, imediatamente se anula por outro proverbio de sentido contrário, o que negaria seu presumido caráter de verdade inquestionável. (COLOMBRES, 2000, p. 09, tradução nossa)<sup>7</sup>

Ainda que essa desvalorização tenha ocorrido, diversos escritores clássicos, modernos ou contemporâneos não somente valorizam os provérbios como os usaram como fonte de inspiração para sua criação literária. Colombres também nos lembra que

Erasmus, valorizando essa zona da linguagem que o povo compartilha com os letrados/eruditos, publicou vários volumes de adágios, comentando-os para revelar sua riqueza. La Fontaine, que também os admirava, fez deles o enredo de suas fábulas.” (Id., tradução nossa)<sup>8</sup>

Não raro, os conhecimentos produzidos nas ciências sociais e humanas ou na Filosofia igualmente citam provérbios em suas escritas, especialmente aqueles dirigidos a estudos de linguagem. Flusser, em sua obra *A escrita: haverá futuro para a escrita?*, cita o provérbio alemão: “uma galinha cega encontra um grão de milho vez em quando” (2010, p. 92).

---

<sup>7</sup> Claro que no todos los letrados reconocieron el valor de los proverbios. El gran ascendiente que posee este género entre los sectores campesinos los hizo desconfiar. Se distinguió entre proverbios vulgares y proverbios letrados, para afirmar a estos últimos y despreciar a, situando los en el terreno de la no-literatura, cuando no de la ignorancia. Racine, em *Les Plaideurs*, hace hablar en proverbios a los personajes presentados como ridículos. Alfred de Musset los menosprecia, por ser a su juicio a locuciones banales y conformar a un lugar común. Si algún sentido se alza de ellos, arguye, este resulta pronto anulado por otro proverbio de sentido contrario, lo que negaría su pretendido carácter de verdad incuestionable.

<sup>8</sup> Erasmo valorizando esta zona del language que el povo comparte com letrados, publicó varios volúmenes de adágios, comentando los para revelar sua riqueza. La Fontaine, que también los admiraba, hizo de ellos la trama de su fábulas.

Kristeva, em sua obra clássica *História da linguagem*, reproduz o provérbio bambara: “o homem não tem cauda nem crina; o ponto que distingue o homem é a fala da sua boca” (2007, p. 89).

A produção literária no continente africano atribui profundo valor aos provérbios, bem como é patente sua circularidade no cinema, nas artes visuais, na dança, entre outras expressões artísticas. A escritora moçambicana Paulina Chiziane abre sua obra *Niketche: uma história de poligamia* (2004) com o provérbio zambeziano “Mulher é terra. Sem semear, sem regar, nada produz”. Esse provérbio vai influenciar toda a trama da obra e, inclusive, será citado novamente (p. 208), além de ser recriado durante o desenvolver da obra quando a autora nos diz: “toda mulher é terra, que se pisa, que se escava, que se semeia” (p. 277). Em diversas ocasiões de *Niketche*, um provérbio será enunciado pelas personagens, alguns facilmente identificáveis e universais, como “perder a batalha não é perder a guerra” (p. 48), outros poéticos, como “o sol desenha marca nas coisas inexistentes. Não há sombra sem objecto” (p. 232).

Assim como Chiziane, o escritor, também moçambicano, Mia Couto vale-se dos provérbios em sua literatura. O escritor adotou não somente a oralidade e o imaginário popular, mas baseou-se também na influência dos provérbios, pois

Em Mia Couto os provérbios apresentados são os que reconhecemos e que desta forma aparecem dicionarizados, uma vez que existem outros provérbios e que são devidamente assinalados como tal pelo próprio autor. No entanto, estes serão de origem Moçambicana (sic), visto que não constam dos dicionários consultados e estão, por vezes, identificados como provérbios Africanos (sic), por exemplo: *As ruínas de uma nação começam no lar do pequeno cidadão, Foi na água mais calma que o Homem se afogou; a Lua anda devagar mas atravessa o Mundo*. Estes provérbios aparecem seguidos sempre de uma indicação entre parêntesis de que são provérbios Africanos (sic) e, ao contrário dos outros, não aparecem inseridos no texto narrativo. A maior parte das vezes aparecem como separadores, servindo de introdução a capítulos dos romances. (NUNES; MENDES, 2004, p. 3)

Mia Couto não só é influenciado pela atividade proverbial ou pela tradição oral, como recria uma linguagem que reúne contemporaneidade com os aspectos tradicionais da cultura africana, os quais podem ser observados no trecho retirado da obra *Terra sonâmbula*: “A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em

todos os rios da nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos.” (COUTO, 2007, p. 17)

Podemos perceber, no entanto, que em diversas sociedades, ou produções literárias e científicas, os provérbios continuam a ser considerados populares e desvalorizados, ou valorizados de acordo com a ciência ou a literatura que se produz e, em caso de ciência, digamos aqui que lhe cabe maior favorecimento naquelas em que se estudam linguagens ou literaturas. No contexto escolar e acadêmico, quase nunca são utilizados em estudos ou orientações. Para o historiador Obelkevich, isso ocorre porque “durante algum tempo, os provérbios foram considerados, pelas classes escolarizadas, com certa aversão, até mesmo desprezo: os provérbios, segundo elas, são antiquados, contraditórios, impossíveis de serem levados a sério.” (OBELKEVICH, 1997, p. 44)

A paremiologia na África negra não é desprezada nem pelas tradições, nem pelo campo erudito. Assim como o provérbio pode viajar e circular mundialmente pela literatura, como já tratamos aqui, outros campos da arte recebem e distribuem os provérbios. Ao acompanhar a produção do cinema africano, ou de filmes sobre a África negra, sabemos que, em algum momento, o provérbio será pronunciado, ou servirá de elemento para abertura ou encerramento do filme. Uma obra recente serve de exemplo: o filme *The good lie* (2014), sobre migrantes sudaneses e suas dificuldades nos Estados Unidos, se encerra com o provérbio africano: “Se quer ir rápido, vá sozinho. Se quer ir longe, vá junto.”

Em seu artigo “La dialectique de la parémie et du discours: analyse des parémies em contexte dans un corpus littéraire castillan”, Fournié-Chaboche (2010) usa expressões como “images figées”, “énoncé préfabriqué” ou ainda “texte fermé” (imagens fixas, declaração pré-fabricada e texto fechado, tradução nossa) para se referir às parêmias, em contraste com o texto aberto da criação literária. No entanto, mostraremos aqui o caráter de abertura da parêmia. Este reside nos aspectos poético e enigmático do provérbio. Algo se perde, como na circulação sanguínea aberta, que só muito lentamente poderá ser reabsorvido pelo sistema. E mais, existe uma relação de complementaridade circular entre o provérbio e seu contexto ou situação e uma interdependência entre o provérbio e a tradição.

Apesar de muito usados na escrita, eles são, primordialmente, gêneros orais, muitas vezes perspicazes e astutos, empregando uma enorme amplitude de recursos retóricos e poéticos no âmbito de sua extensão limitada. Metáfora, ritmo, aliteração, assonância, construções binárias: estes e outros recursos criam, na forma do provérbio, um eco de sentido. (OBELKEVICH, 1997, p. 44)



São como atalhos narrativos encarregados de rememorar uma longa história que o ouvinte conhece. Não raro, o “eco de sentido” se dá de forma contraditória. Segundo Diagne (2005, p. 91), “O universo dos provérbios não se contradiz por sempre ter razão, tendo em vista a complexidade e a imprevisibilidade do real”.<sup>9</sup>

#### ACIRCULAÇÃO DOS PROVÉRBIOS AFRICANOS ENTRE A ORALIDADE E A ESCRITA

A oralidade e a escrita são pontos cruzados nessa rede proverbial. Elas alcançam diversas formas de mídias desde os tempos mais remotos, quando a oralidade se aplicava ao contexto corporal, a escrita era talhada, riscada ou desenhada em pedras, madeiras e até mesmo na areia<sup>10</sup>, e continuam sendo utilizadas nos meios tradicionais. Abreu Paxe, poeta e pesquisador em literaturas africanas, diz que o provérbio constitui uma “narrativa de vida” (PAXE, 2014, p. 1). Em pesquisa atual, o autor percebe que esse elemento (o provérbio) não se perdeu nem se cimentou apenas na tradição oral; pelo contrário, os provérbios atravessaram séculos e acompanham a contemporaneidade, apresentando-se nas mais diversas formas de mídias, mas nunca deixam de participar das tradições. O autor resume sua pesquisa em três desígnios de circularidade proverbial no caso dos povos bantos.<sup>11</sup> Nesse contexto, elementos orais ou escritos, tradicionais ou não, estabelecem um sistema complexo aplicado à Comunicação. O autor define assim os seus critérios:

O primeiro basea-se (sic) na atualidade, por se fixar em suportes que constroem categorias convencionais de comunicação escrita ou baseados na escrita, como o livro, a revista, a bíblia, o jornal, a rádio, a televisão, o ambiente virtual, e outros meios e, por outro lado, o seu funcionamento e aproveitamento estético nas práticas artísticas modernas; poesia, narrativa, teatro, música que nos permite perceber como aquele se estrutura nestas e contamina estas (sic); O segundo é baseado na tradição, aqui e no contexto anterior,

---

<sup>9</sup> *l'univers des proverbes ne se contredit que pour avoir raison à tous les coups, face à la complexité et à l'imprévisibilité du réel.*

<sup>10</sup> Os desenhos de areia *sona* são muito comuns entre os povos *tucokwe* de Angola, extremamente relacionados à literatura oral. Esses desenhos se traduzem em provérbios, mitos, canções ou fábulas como mensagem.

<sup>11</sup> Conjunto de povos localizados em vasta porção do território africano, de Camarões à África do Sul e do oceano Atlântico ao Índico.

percebemos de que modo se realiza a comunicação referencial e a estética, nesse contexto pode-se perceber que o provérbio não baseado na escrita por se fixar em suportes incidentais que se alteram conforme a natureza, e estruturam pela comunicação diálogos inter artístico, manifestados pela voz, pela dança, pela escultura, pela tecelagem, pelo desenho e outros; o terceiro baseia-se (sic) na atualidade, pela comunicação exploram as linguagens que considerariamos que é a “síntese” entre as duas anteriores a combinação entre o escrito e o não escrito, materializadas pela voz, pelo corpo, pelas palavras, pelas artes plásticas e por outros artefatos afins, nota-se aqui que o provérbio estabelece relações com as vanguardas, e aqui; tanto as vanguardas artísticas hoje, quanto o provérbio ontem, no contexto da tradição, estabelecem relações formais e de estrutura veiculadas pela poesia concreta, experimental e a performance. (PAXE, 2015, p. 01, grifos nossos)

Há, portanto, uma conexão entre a oralidade e a escrita que se distribuem em diversas formas e conteúdos comunicativos na história de grupos africanos. Aquilo que permanece tem seu valor, e o provérbio africano se apresenta de formas similares em outras sociedades africanas, além dos *Bantu*, tal como os povos *Yorubá*, *Akan* e tantos outros.

Embora as vertentes da escrita, predominantes na atualidade em diversas sociedades, sejam aportes para a recepção e distribuição dos provérbios, percebemos, em nossa pesquisa, que, na oralidade, a linguagem traz consigo uma força, talvez prescrita na sonoridade que cumpre um papel de destaque. Talvez por isso a palavra, ao ser expressa pela garganta e solta pela língua, para as tradições negro-africanas, constitui um elemento sagrado que exerce força e magia.

Nas tradições africanas – pelo menos nas que conheço e que dizem respeito a toda a região de savana ao sul do Saara –, a palavra falada se empossava, além de um valor moral fundamental, de um caráter sagrado vinculado à sua origem divina e às forças ocultas nela depositadas. Agente mágico por excelência, grande vetor de “forças etéreas”, não era utilizada sem prudência. (HAMPATÊ BÁ, 2010, p. 169)

Ki-Zerbo aproxima-se dessa compreensão e complementa que

Para o africano, a palavra é pesada. Ela é fortemente ambígua, podendo fazer e desfazer, sendo capaz de acarretar malefícios.

É por isso que sua articulação não se dá de modo aberto e direto. A palavra é envolvida por apologias, alusões, subentendidos e provérbios claro-escuros para as pessoas comuns, mas luminosos para aqueles que se encontram munidos das antenas da sabedoria. Na África, a palavra não é desperdiçada. (KI-ZERBO, 2010, p. XL)

Nessas sociedades, como nas tradições religiosas afro-brasileiras, a palavra expressa pela oralidade, muitas vezes, pode constituir um fator mais importante que a escrita, muito embora essa troca tenha sido motivo para relacionar esses grupos a uma categoria primitiva. Zumthor (1997) nos lembra de uma trama de convencionalismos que se opõem ao fenômeno da oralidade.

Em razão de um antigo preconceito em nossos espíritos e que performa nossos gostos, todo produto das artes da linguagem se identifica com uma escrita, donde a dificuldade que encontramos em reconhecer a validade que não o é. Nós, de algum modo, refinamos tanto as técnicas dessas artes que a nossa sensibilidade recusa espontaneamente a imediatez do aparelho vocal. (ZUMTHOR, 1977, p. 11)

Zumthor considera que o som expresso pela boca, juntamente com a linguagem, constrói um símbolo primordial em que a poesia se manifesta. Houve, na ação da progressão científica, filosófica e cultural, o abandono desse potencial humano. Muito se valorizou o canto, mas perdeu-se, em diversas esferas, o timbre da fala na oralidade poética, muito embora, no interior de comunidades tradicionais de terreiros de Candomblé e comunidades quilombolas, ainda se conserve tal método de fala pronunciada ou cantada em rezas e saudações, principalmente de cunho ritualístico.

Em outra esfera comunicativa, Norval Baitello Júnior já se pronunciou sobre uma comunicação ancestral humana que foi pouco empregada e que, para ele, traz em sua significância um potencial poético. Diz ele que “o ancestral do homem observa os pássaros e começa a imitá-lo. Imitando os pássaros, começa a cantar seu próprio canto, este canto que falamos até hoje” (BAITELLO JR., 2005, p. 103). Da mesma forma, Flusser admite que alguns povos, entre estes, brasileiros e africanos, “atuam de maneira criativa para dar novamente à língua falada sua dimensão musical perdida” (FLUSSER, 2010, p. 82)

A oralidade e a escrita são técnicas de conhecimentos existentes há séculos na África e fica evidente que, nas culturas em que a oralidade se firmou como maior meio de transmissão de saberes e conhecimento, esta teve

um aprimoramento maior que a escrita. Ou seja, mesmo existindo outras formas de escrita na África, não houve a necessidade de evolução das escritas em detrimento da oralidade. Mesmo sabendo que a escrita já foi conhecida por diversas sociedades africanas (ao contrário do que foi perpetuado por certos historiadores), em épocas e regiões diferentes, é na oralidade que se sustenta a forma pela qual diversos grupos optaram para dirigir seus conhecimentos, valores e ensinamentos. Sobre esse fenômeno, o teórico africanista Aguessy diz que

Em primeiro lugar, lembramos que uma das características das culturas africanas tradicionais, a sua característica essencial, é a oralidade. Enquanto, no quadro da escrita, as fontes de valores são os “autores” e as suas obras, o que criam reflexos culturais que levam os pensadores a negar qualquer réstea de pensamento onde não encontrem obras escritas, devemos hoje reconhecer que a oralidade pode produzir obras culturais muito ricas. (AGUESSY, 1977, p. 108)

A escrita na África não se desenvolveu da mesma maneira que em outras civilizações. Isso não reduziu, para os africanos, o valor da oralidade. Entretanto, “somente uma informação deficiente sobre o campo cultural africano poderia levar a dizer que a África não criou sistemas de escrita pictográfica (escrita de ideias ou escrita de palavras) ou fonética (escrita silábica ou escrita alfabética)” (AGUESSY, 1977, p. 108). A africanista Elisa Larkim do Nascimento, juntamente com o designer Luís Gá, publicaram, em 2009, o resultado de sua pesquisa sobre o ideograma *Adinkra*, mostrando que existe, sim, escrita, ou mais que isso, pois os símbolos *Akan* circulam entre a arte, a poesia, a filosofia e a tradição reunidas em provérbios. Aguessy complementa essa proposição quando diz que

Como hoje em dia se reconhece, toda a sociedade humana dispõe de um meio de fixação específico que lhe permite uma certa apropriação do tempo. Mas, para lá desta afirmação geral que vale para toda a sociedade, convém precisar que, apesar da existência da escrita *bamun* (Camarões), apesar da escrita *vai* (Serra Leoa), da escrita *nsidibi* (Calabar, Nigéria Oriental), das escritas *basae mende* (Serra Leoa e Libéria Oriental), as sociedades referidas não fizeram dela o mesmo uso que a civilização chinesa ou a civilização oriental. (AGUESSY, 1977, p. 108)

A obra *African Alphabets* (2006), ainda não traduzida para o português, do *designer* Mafundiwaka, reúne formas de escritas seculares do continente africanos classificadas segundo época e localização geográfica. Mafundiwaka é responsável também pela conservação, revitalização e produção de imagens com referência a essas antigas formas de escrita. Ele é, vale destacar, o idealizador e fundador do Instituto Zimbábue de Artes Visuais, criado em 1997 para promover estudos e produtos africanos de *design*, atendendo principalmente uma população jovem que reúne tradição, criatividade, identidade e tecnologia.<sup>12</sup>

Vemos, portanto, que, na África, existem e existiram diversos tipos de escritas, bem como diversos processos de leitura. Flusser entende que “o homem ‘primitivo’ devorava tudo. Ele lia tudo ao seu redor e em seu interior, interpretando: árvores e sonhos, estrelas e a borra de café, o vôo dos pássaros e seu próprio fígado. Ele valorava e enaltecia tudo isso.” (FLUSSER, 2010, p. 93). Esta é a mesma compreensão que Paulo Freire sintetizou em seu ensaio “A importância do ato de ler”, em uma máxima: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9)

A escrita na África tem sua existência, sua forma e seu valor. Assim como a oralidade, que na África, para além do sagrado, tem valor poético. Em contrapartida, se uma determinada criação poética oral torna-se escrita, então teremos mais dificuldades na interpretação, pois, de certa forma, a poética foi criada para ser expressa por vias orais e segundo alguns mestres da tradição oral, com esse propósito.

Fu Kiau, do Zaire, diz, com razão, que é ingenuidade ler um texto oral uma ou duas vezes e supor que já o compreendemos. Ele deve ser escutado, decorado, digerido internamente, como um poema, e cuidadosamente examinado para que se possam apreender seus muitos significados – ao menos no caso de se tratar de uma elocução importante. (VANSINA, 2010, p. 140)

---

<sup>12</sup> Pode ser encontrado na Internet, pela rede social de disseminação de ideias TED (Technology, Entertainment, Design), a conferência de Saki Mafundiwaka sobre a escrita na África e sobre o seu trabalho. O vídeo pode ser conferido no link: [http://www.ted.com/speakers/saki\\_mafundikwa](http://www.ted.com/speakers/saki_mafundikwa).

Como uma poesia, os provérbios impetram e habitam em nosso olhar estético a maneira do sentir e notar seus estratagemas de comunicação. “Es que mientras en Europa los proverbios son considerados un lenguaje literario estereotipado, en África alcanzan vida propia, y con el relumbre y el ritmo de la poesía vuelan como abejas, de boca a oído” (COLOMBRES, 2000, p. 7). A oralidade, nesse caso, seria essa dimensão que faz parte do imaginário e da poesia e que alimenta o exercício da memória. Além de poetizar a vida pela fala, guarda tesouros que são transmitidos através de gerações.

É exatamente pela transmissão oral que os conhecimentos mais antigos, arcaicos e primitivos se mantêm vivos e atuantes numa cultura. Arquivos que desafiam toda e qualquer tecnologia moderna, os conhecimentos orais se utilizam de técnicas de memorização anteriores à escrita: o canto, a repetição, a versificação, a rima, a imagem mental, o jogo, o gesto. (DRAVET, 2014, p. 77)

Os provérbios africanos, assim como podem aparecer em outras sociedades, têm a função de ofertar, em palavras, ou mesmo símbolos, conteúdos profundos de sabedoria. Diversos, poéticos, muitas vezes complexos, eles servem à proposição de orientação, formação, de forma lúdica ou no ato de confortar, alertar, entre tantos outros modos de comunicação.

Já sabemos que é comum que esses gêneros africanos, em diversas organizações africanas, sejam repassados por meio da oralidade e que isso não quer dizer que constituem um modo inferior de expressão em relação à escrita. Pelo contrário, como já observamos, a oralidade é uma forma de linguagem de grande capacidade técnica de memória e também de utilidade pedagógica. O africanista Sow nos diz que:

Os mitos, contos, adivinhações, provérbios e enigmas, etc., ainda mal estudados e mal conhecidos, nem sempre constituem simples expressões de valores folclóricos. Eles representam muitas vezes técnicas de memorização e de difusão do saber ou de uma mensagem. (SOW, 1977, p. 27)

Nesse sentido, a memória é um campo logístico de informações e conhecimentos que trabalha na construção do imaginário latente que pode ser vivido em um processo individual ou coletivo. A memória como ferramenta

da oralidade é bastante difundida no continente africano, em diversos grupos, quase sempre pelos membros mais velhos da comunidade.

A oralidade apresenta, no campo da memória, uma faculdade tradicional de transmissão de conhecimentos, seja pela recepção, pelo registro e pela emissão de expressões diversas, e nisso reside uma capacidade de ver e viver, e a vida em comunidades tradicionais parece garantir maior interação entre os mais velhos e os mais novos, garantindo, assim, a transmissão dos saberes, valores e identidade cultural. Aqui vive uma característica essencial de oralidade e memória: a valorização dos mais velhos enquanto mestres e sábios, garantindo-lhes o reconhecimento por uma vida que nem sempre foi dedicada somente ao pensamento, mas uma vida de trabalho, lazer e interações em que o conhecimento não se afasta; pelo contrário, o conhecimento atua conjuntamente a todo instante, antes, durante e depois da vida, segundo a maioria das tradições africanas. Ki-Zerbo aponta que

Indubitavelmente, a tradição oral é a fonte histórica mais íntima, mais suculenta e melhor nutrida pela seiva da autenticidade. “A boca do velho cheira mal” – diz um provérbio africano – “mas ela profere coisas boas e salutares”. Por mais útil que seja, o que é escrito se congela e se diseca. A escrita decanta, diseca, esquematiza e petrifica: a letra mata. A tradição reveste de carne e de cores, irriga de sangue o esqueleto do passado. Apresenta sob as três dimensões aquilo que muito frequentemente é esmagado sobre a superfície bidimensional de uma folha de papel. (KI-ZERBO, 2010 p. 39)

O historiador anteriormente citado enaltece a oralidade como fonte de consulta em detrimento da escrita sobre a história, especialmente de uma história sobre a África, e argumenta que, mesmo com as peripécias dos velhos, que muitas vezes inspiram desconfiança, existe uma insegurança naquilo que é escrito, tal como “[...] os documentos de arquivos que, por sua própria inércia e sob sua aparente neutralidade objetiva, escondem tantas mentiras por omissão e revestem o erro de respeitabilidade” (KI-ZERBO, 2010, p. 39)

A oralidade tem o potencial de valorizar um conhecimento que se perdeu em determinadas sociedades. Mais que isso, tem um papel fundamental na construção de sentidos.

Portanto, quando falamos de oralidade como característica do campo cultural africano, pensamos numa dominante e não numa exclusividade. Neste sentido, a oralidade numa cultura

permite privilegiar o aspecto oral na aquisição e transmissão dos conhecimentos e dos valores, dispondo de um meio de fixação específico. (AGUESSY, 1977, p. 108)

Sabemos que, em uma sociedade capitalista, avançada ou emergente, complexa de símbolos de informações, maiores dificuldades podem ser geradas no sentido de interpretar certos provérbios regionais, com suas especificidades culturais, entretanto, o próprio papel de um provérbio é o seu caráter universal sobre espaço e tempo. As possibilidades de desvendar o mundo por meio dos conhecimentos tradicionais é uma forma de respeitar sabedorias que foram perdidas em nome de “outras” que, nos dias atuais, não fazem sentido ou não são capazes de dar controle a suas próprias criações.

Voltar ao passado pelo exercício de aprender os significados dos provérbios nos faz valorizar esse conhecimento por meio da expressão oral, facultar o exercício da memória e da valorização aos mais velhos. Nesse mesmo sentido é que Aguessy afirma que:

[...] os provérbios não são obras secundárias e, além disso, revelam-se como sendo belos “resumos” de longas e amadurecidas reflexões, resultados de experiências mil vezes confirmadas. O caráter anônimo dos provérbios traduz a sua profunda inserção no âmago da experiência e da vida coletiva, depois de longas rodadas e experiências. (AGUESSY, 1977, p. 118)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ensinamentos de *Sankofa* esclarecem que não podemos caminhar para frente sem atentar para o passado. A inovação não prescinde de uma ancoragem na tradição. Sendo assim, a escrita e os desenvolvimentos que sua linearidade bidimensional trouxe à civilização ocidental não encontram fundamento sem a sabedoria e o conhecimento que a oralidade proporciona à humanidade. E podemos dizer, no tocante ao próprio sistema de conhecimento de *Adinkra*, que este recorre às duas racionalidades: a da escrita e a da oralidade, sendo ambas poéticas, uma vez que a palavra condensa múltiplas possibilidades de ideias e imagens e de associações com a experiência daqueles que nos precederam, mas sobretudo daqueles a quem se destinam as enunciações proverbiais. E a escrita de maneira ideográfica também evoca mais do que explicita, sugere mais do que afirma, propõe mais do que impõe.



Os provérbios são parte da história dos povos africanos e constituem como valores de referência e criatividade. Podendo ser utilizados nos ensinamentos, nas indulgências à dor do outro, criam ou confirmam a existência dos seres imaginários, falam juntamente com contos, fábulas e experiências extraordinárias em um conjunto imaginário. Castro diz que:

Boa parte dessas narrativas está impregnada de elementos míticos, sobrenaturais, fantásticos, onde a presença do imaginário se faz determinante. É frequente a animalização da natureza, a fabularização e o diálogo do homem com uma árvore, por exemplo. (CASTRO, 2004, p. 4)

Há um campo múltiplo de relações entre provérbios africanos, memória, imagem e imaginários que tecem uma teia de linhas cruzadas, e qualquer linha que se quebre pode desestabilizar todo o conjunto, entretanto ele resiste. Essas linhas são as representações de linguagem, são formas estéticas e se comunicam entre si e com o mundo constantemente. Não há como pensar uma escrita sem oralidade, nem como falar sobre imaginário sem memória, símbolos e mitos. Todos estão inseridos em uma circularidade dinâmica própria de todo processo comunicacional e cultural.

Tudo isso não seria possível se essas sociedades ancestrais não tivessem preservado na própria oralidade seus conhecimentos, interiorizados no espírito e transmitidos oralmente e que continuam vivos pela força de seus protagonistas há milhares de anos, resistindo à violência e ao ódio de colonizadores e devastadores. Da mesma forma, estimamos a importância da escrita que, mesmo em casos específicos em que se submerge a magia da literatura oral, fundamenta-se em materiais que podem ser distribuídos e levados a outras culturas. Os provérbios africanos se disseminaram pelo continente americano graças à diáspora forçada. Os conhecimentos proverbiais continuam sendo transmitidos pela sabedoria desses povos de preservar seus valores e porque acreditam em sonhos, e “os sonhos não envelhecem”, fluem como rio na eternidade que a humanidade atravessa. Nesses sonhos reais, Morin diz sobre essas mesmas sociedades: “As visões do sonho são dotadas de uma realidade não menos contestável, por vezes mais forte do que as percepções de quando se está acordado.” (MORIN, 2011, p. 144)

Precisamos nos abrir e mirar aquilo que não conhecemos, ou não nos permitiram conhecer, devido a certos momentos de ruínas da nossa história e do nosso campo de conhecimento. Deixemos, no entanto, um pouco desse saber petrificado no concreto, deixemos nossas mentes se afastarem dessa lanterna guia para mergulhar no escuro abissal. “Para descobrir um novo mundo, é preciso saber esquecer seu próprio mundo, do contrário o

pesquisador estará simplesmente transportando seu mundo consigo ao invés de manter-se ‘à escuta’” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 212).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUESSY, Honorat. Visões e percepções tradicionais. In: BALOGUN, O. et al. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAITELLO JR., Norval. *A era da iconofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker, 2005.

CASTRO, Gustavo de. *A sabedoria no pensamento africano*. Brasília: Apostila de aula, 2004.

CHIZIANE, Paulina. *Niketche: uma história de poligamia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

COLOMBRES, Adolfo. Prólogo. In: CABAKULU, M. *Provérbios africanos*. Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2000.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIAGNE, Mamoussé. *Critique de la raison orale*. Les pratiques discursives en Afrique Noire. Paris: Karthala, 2005.

DRAVET, Florence Marie. *Crítica da razão metafórica*. Brasília: Casa das Musas, 2014.

FLUSSER, Vilém. *A escrita: Haverá futuro para a escrita?* São Paulo: Annablume, 2010.

FOURNIÉ-CHABOCHE, Sylvie. La dialectique de la parémie et du discours: analyse des parémies em contexte dans un corpus littéraire castillan. In: *Revue interdisciplinaire Textes et Contextes*. Dijon, n. 5, 2010.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortês, 1989.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Ed.) *História geral da África*. Volume I. Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

IERACI BIO, Ana Maria. Le concept de paroimia: proverbium dans la haute et basse antiquité. In: SUARD, F.; BURIDANT, C., (eds.), *Richesse du proverbe*, vol. 2, Université de Lille III, PUL, Lille, 1984.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: KI-ZERBO, J. (Ed.) *História geral da África*. Volume I. Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

KRISTEVA, Julia. *História da linguagem*. Trad. Maria Margarida Barahona, Lisboa: Edições 70, 2007.

MAFUNDIKWA, Saki. *Afrikan Alphabets: The story of writing in Afrika*. Mark Batty, Michigan: Universidade de Michigan, 2006.

\_\_\_\_\_. *Criatividade e elegância nos alfabetos africanos antigos*. Disponível em:  
<[https://www.ted.com/talks/saki\\_mafundikwa\\_ingenuity\\_and\\_elegance\\_in\\_ancient\\_african\\_alphabets](https://www.ted.com/talks/saki_mafundikwa_ingenuity_and_elegance_in_ancient_african_alphabets)>. Acesso em: 27 jul. 2016.

MORIN, Edgar. *O Método I – a natureza da natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

\_\_\_\_\_. *O método III: o conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

\_\_\_\_\_. *Cultura de massas no século XX. Vol. 1. Neurose*. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, 2007.

\_\_\_\_\_. *O método IV: as ideias – habitat, vida, costumes, organização*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

NASCIMENTO, Elisa Larkim (org.). *A matriz africana no mundo. Sankofa I*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

NASCIMENTO, Elisa Larkim; GÁ, Luiz Carlos (ORG). *Andikra – Sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NUNES, Ana Margarida Belém; MENDES, Helena Margarida Ramos Duarte T.. Alguns aspectos da reformulação parafrástica e não parafrástica em José Saramago e Mia Couto. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2004.

OBELKEVICH, Joseph. Provérbios e História Social. In: BURKE, P.; PORTER, R. (Orgs.). *História social da linguagem*. Trad. Álvaro Luiz Hattner, São Paulo: UNESP, 1997.

PAXE, A. Imagens e estruturas III – o sistema literário angolano In: *Zunái – Revista de poesia e debates*. Periscópio 6. São Paulo, v. 2, n. 2, abr/2015. Disponível em: <<http://zunai.com.br/post/56776629937/periscopio-6>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

SOW, Alpha I. Prolegómenos. In: BALOGUN, O. et al. *Introdução à cultura africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

THE GOOD LIE (Filme). Philippe Falardeau. Quênia, Índia, Estados Unidos, 2014.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (Ed.) *História geral da África*. Volume I. Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida, São Paulo: Hucitec, 1997.

Data de recebimento: 30 de dez. de 2016

Data de aprovação: 30 de abr. de 2017